



## “UMA PÁTRIA ASSIM ”

Uma Pátria assim...o depoimento / Such a homeland... the statement,  
Mini DV, cor, som, 58' 54"

Registado em 2009, Pos-produção 2012

Diria que a criatividade é a própria natureza do presente, e o que [transpira] nas pinturas, por exemplo, é [apenas] um vago reflexo desta luxuriante natureza que nos constitui, à qual não estamos atentos e à qual não nos abrimos.

Essa é a qualidade e o mistério que a arte manifesta.

Alguns grandes místicos, que tiveram uma produção poética na juventude, mas, na maturidade e após a sua realização, deixam de ter essa necessidade.

Torna-se mesmo um sofrimento, quando se lhes pede para escreverem uma nova oração ou um poema, porque não se mexe nessas coisas impunemente.

A criação é algo que nos ultrapassa.

Isto é completamente diferente, mesmo oposto, ao que acontece com muitos artistas, escritores, etc., que deixam de criar, dez ou vinte anos antes de morrerem:

deixam seus romances incompletos, como é o caso de "O Homem Sem Qualidades" de R. Musil, como Brancusi que deixa de produzir.

Isso acontece frequentemente, mas esse silêncio tem um sentido contrário ao silêncio do místico.

O silêncio do místico é um silêncio de paz, de plenitude, enquanto o outro é de interrogação, e quando ainda temos perguntas, é porque ainda não atingimos a realização.

Encontrei o Zen pela sua proximidade com as artes plásticas, tal como se passou a partir dos anos 50 na América.

Isso serviu como confirmação, a minha compreensão da prática veio confirmar que estava na boa pista.

É retrospectivamente que as coisas se passam, isto é, não podemos determina-las nem fazer muitos projectos, e sobretudo há sempre o sentimento de que o milagre vai deixar de acontecer.

O milagre de quê?

De algo que se passa nas duas dimensões, que são algo muito rico, avançado, para usar um termo da nossa esfera do imaginário, mas de facto, as duas dimensões situam-nos no presente.

Tu vês num instante mas de facto nada viste.

Isso devolve-te ao presente que é 'inconhecível'.

Não o desconhecido porque o desconhecido pode vir a ser conhecido, mas sim aquilo que não é traduzível em linguagem discursiva, e isso temos dificuldade em aceitar porque estamos muito ligados à linguagem discursiva.

Os japoneses dizem que o olhar vem do exterior para o interior.

Não é o nosso olhar inquiridor, que põe etiquetas nas coisas, que trata informação, é o contrário disso.

É receptivo.

Essa é a atitude que se deve desenvolver.

É a partir daí que as coisas começam a acontecer.

Só à posteriori é que descobrimos que algo aconteceu.

O sentimento é pois:será que vou ser capaz de voltar a fazer algo assim?

Todas estas coisas são muito mais próximas do que podemos imaginar, já lá estamos dentro, é isso que nós somos, e por isso não há esforço a fazer, temos que fazer um grande esforço para não fazer esforço algum, e é por isso que quando atravessamos uma experiência extrema, quando nos confrontamos com a morte, é uma experiência de iluminação que nos transforma, desenvolve o desapego, e tornamo-nos capazes de ultrapassar a culpabilidade.

Tenho dificuldade em pensar no que terei querido [sentir mostrar, exprimir] porque de facto trata-se duma atitude de carácter receptivo.

Claro que é preciso muita determinação para organizar a vida à volta disso, como modo de vida, é uma prática semelhante a uma encenação.

Criamos um espaço, um atelier, onde ignoramos o que se vai passar, o que é muito complicado.

É completamente oposto a muitas outras ocupações em que é preciso estabelecer inúmeras ligações com o exterior e há que desenvolver-las.

Trata-se de largar, deixar cair, mas sobretudo que não haja ninguém a espreitar por cima do ombro... fica-se nu e sem rede.

...abdicar de si próprio.

Porque não é a vontade que importa neste caso.

O ego aparece assim que algo se passa, vem colher os louros, mas é completamente impotente diante da criatividade.

Para responder um pouco à tua pergunta, houve esse período de seis meses em que eu tive um atelier, seguiu-se o período académico, as Belas Artes, até que volto de novo a ter um atelier e com vontade de pintar.

Durante perto de dez anos fiz uma pintura limitada ao preto e branco.

É uma atitude restritiva que me permitia perder-me menos, até que tive necessidade de parar e preparei-me para isso.

Certos textos referem que não podemos escapar à felicidade.

É isso que nos espera porque é essa a nossa essência.

Há pouco alguém dizia que o espírito é a felicidade.

No plano individual podemos constatar como se desenvolve o apego a uma doença, que é a nossa própria história, e com a qual convém manter uma boa relação.

Somos a nossa própria história, e devemos procurar ter um ponto de vista não judicativo, olhar a sua vida, a sua pequena história, a sua anedota, sem a julgar. É muito difícil.

E depois ter um olhar sobre o exterior.

Cada vez que julgamos, cada vez que atribuímos seja um nome, sejam qualificações, é aí que nos perdemos. Já estamos na dualidade e dela não saímos.

É muito delicado como encontrar que (?) ultrapasse isso e ao mesmo tempo dir-se-ia que é algo de intemporal, algo que é a nossa própria essência, e que por isso nunca perderemos.

Podemos sempre encontra-la.



...a definição de 'buda', em tibetano, "sangye", significa 'remover os obstáculos' para que o seu verdadeiro potencial se possa manifestar.

É esse o antídoto do medo.

Não conseguimos isso todo o tempo mas há que guarda-lo no fundo do pensamento, o que ajuda a encontrar uma solução, a sobreviver de um modo válido.

Quando queremos fazer uma revolução, operar uma mudança, cremos na objectividade da realidade exterior. E se queremos fazer a revolução no exterior, estamos a perder o nosso tempo, vamos reinvestir os mesmos fantasmas que nos castigaram antes.

É pois necessário actualizar esta ideia de que a realidade objectiva não existe enquanto tal, a percepção que temos da realidade é enganadora.

Haverá que desenvolver uma prática contemplativa que vai permitir rever isso, após o que há uma sinergia fabulosa que se desenvolve a partir do momento em que a prática contemplativa encontra a racionalidade, a lógica, a análise, que, longe de serem rejeitadas, se reforçam mutuamente.

E isso, no ocidente, não existe.

A introspecção não é considerada um método válido de investigação.

Então, o método científico parece operar às escuras:

qualquer descoberta promove a construção dum pequeno sistema coerente à sua volta, sem que haja qualquer fundamentação, uma vez que não existem conceitos nem métodos de investigação fundamental.

No ocidente, a prática contemplativa reduz-se a uma expressão demasiado simplista.

O caso [...] dos lamas tibetanos nos campos de trabalho forçado na China.

Contam [como] tiveram medo de começar a odiar os chineses!

Isso é extraordinário.

Por um lado eles foram capazes de gerar uma infinita compaixão pelos seus próprios carrascos, reconhecendo que eles são escravos do seu tempo e das circunstâncias, que não são maus mas seres como eles próprios, são também budas, e não querem odiar os chineses que os maltratam e os matam.

Isso por um lado.

Por outro lado, após chegarem ao Nepal - onde os conheci pessoalmente - dizem que nunca a sua prática foi tão forte como quando praticavam na clandestinidade, nos campos de trabalho.

É extraordinário.

São pequenas, grandes coisas que demonstram que não há só uma maneira de viver mas que há outras possibilidades.

...a expulsão do culto do Espírito Santo, que é verdadeiramente a manifestação característica de Portugal ao nível da religião.

Daí que a prática religiosa dos portugueses seja uma prática mole, como tudo o resto...

A aproximação cultural da Índia e da África ficou por fazer.

Esse estudo foi reprimido pela Inquisição-

Isso cria uma situação curiosa.

Mas também me lembro daquela observação dum imperador romano que dizia que lá para a península Hispânica, havia um povo que não se sabia governar nem se deixava governar.

A expulsão do culto do Espírito Santo e a censura dos estudos relativos à Índia e à cultura indiana, onde Camões viveu 17 anos.

E o que é que transpira dessa experiência magnífica que ele deve ter vivido na Índia, alguém tão excepcional como ele, nada transpira na sua obra, nos Lusíadas ou na poesia.

E isso é castrador.

Antes da revolução não havia africanos em Portugal.

Nas colónias não havia universidades e é talvez por isso que terminou mal.

As pessoas nem sequer podiam conduzir automóveis.

É muito curioso porque ao mesmo tempo, os portugueses misturam-se aparentemente sem problemas de racismo.

-- Em relação à Espanha, os portugueses conseguiram aquilo que os espanhóis não conseguiram: mantiveram a independência, primeiro feito de armas, segundo feito de armas é a chegada à Índia por mar, após o que ficaram desempregados. Vê-se que há muitas reminiscências que foram completamente ignoradas em Portugal, nunca reivindicadas, as pessoas têm traços negróides uma vez que nos séculos XVII/XVIII havia muitos negros que foram incorporados na população, mas não guardaram a sua cultura, não foi assumida e ficaram despojados [das suas origens], diminuídos da sua própria cultura.

O mesmo aconteceu com os árabes.

A população autóctone ao sul do Tejo não foi exterminada como aconteceu ao norte do Tejo.

Eles ficaram mas também perderam a sua cultura.

Voltei a meados dos anos '80.

O que me espanta hoje, é que, pessoas brilhantes, que vieram a tornar-se escritores, filósofos, etc., como é possível que tenham ido fazer a guerra.

Penso em A. Lobo Antunes, penso em... [M. S. Lourenço]

que vão passar o resto da vida a recordar o tempo em que fizeram a guerra, e seus traumatismos.

Como é possível que essas pessoas não tiveram a ideia simples, como eu, de ir embora, de partir.

Ir para outro lado, nenhum apego.

O que quer isso dizer?

Essa intuição que eu tive, reconheço hoje como completamente correcta.

O desapego é fundamental.

Viver é apenas uma prática de desapego.

Digo que temos a mania que existimos.

É preciso dar-mo-nos conta de que a existência é muito ilusória.

A identidade é algo que se esvazia e quanto mais nos esvaziarmos dessas camadas, mais entramos em nós próprios e nos encontramos verdadeiramente.

É uma pequena libertação, é esse o sentido da liberdade.

A segurança, de que se fala muito hoje, é sobretudo interior.

De outro modo nunca ficará satisfeita.

Um pouco como os mestres que diante da morte nem pestanejam.

Não reivindico nada, sei apenas que isso existe e é o meu quadro de referência que ocasionalmente pode ajudar.





Prossigo a minha pequena pista, a minha pequena intuição, (...), há muitas coisas que podemos a que podemos ter acesso e com que interagimos, na medida em que sou capaz de me abrir, mas o que é importante é o que se vai passar aqui, prosseguir um pouco o trabalho.

No fim da-mo-nos conta de que secretámos uma 'obra', o que não é mau, pode mesmo ser interessante, para si próprio, depois, o que pode acontecer com isso, não é verdadeiramente importante, o que é importante é que o fazemos para si próprio, para o seu próprio crescimento, e nesse sentido é a melhor coisa que podemos dar aos outros.

Mas não me preocupo com o que poderá vir a acontecer.

quando se trabalha, o ego tem que estar tranquilo e não aborreça.

No fim claro que volta logo a correr para colher os louros, mas ele sabe que não é ele que manipula os cordéis...

De facto é uma prática de abertura mas também de reflexão sobre a natureza do espírito, sobre a existência, os fenómenos, o mundo.

Às vezes perguntam-me qual é a importância do budismo e das coisas que me interessam, para a pintura e eu digo que ela é uma consequência de tudo isso, tal como tudo o resto, embora não directamente, não se trata duma ilustração. Uma ilustração, ao fim de pouco tempo torna-se aborrecida. e não é isso que é divertido. Eu tenho alguma dificuldade com a música clássica ocidental, porque sinto que têm de se acalmar, para depois ver o que acontece.

Eles excitam-se com as sinfonias, com a melodia, etc., e não encontro nada disso na música clássica indiana, que tem origem numa prática contemplativa e que serve para acompanhar e facilitar essa prática.

Uma vez fui a Itália e levei comigo alguns materiais para a eventualidade de ter ocasião de trabalhar durante uma ou duas semanas.

A certa altura encontro uma fábrica abandonada, em frente à Sicília, na Calábria e aí pude começar a pintar. Como em Itália há sempre crianças que aparecem em todo o lado, ficaram ali a olhar e achei que não podia manda-los embora.

Perguntava-me o que poderia passar nas suas cabeças, e aí eles vêm me dizer que, depois de terem olhado algum tempo, "é bom para os olhos"!

Ora isto não tem nada de abstracto, mas é muito imediato.

Dessa maneira penso que há uma boa convivência com o meu trabalho, porque há algo de fresco.

Alguns artistas falam de algo natural, de não fabricado.

Talvez se possa dizer isso e imaginar a que é que corresponde.

Há esse sentimento de que não se trata duma afirmação do ego, de si, mas é qualquer coisa que deixámos aparecer e manifestar-se.

Aí não é abstracto, é ao nível da essência, o que é algo ousado de dizer, mas o que me anima no meu trabalho anterior é que ele me dá energia.

Penso no entanto que pode ser que não volte a acontecer...

Talvez seja parvo como questão, mas faz algum sentido, é uma relação possível e não oprimente, que não reforça o ego e que se pode desenvolver com o trabalho.

São Sebastião e ao que parece eu nasci no dia desse santo e é essa a relação que existe.

Por outro lado, a flecha também aparece noutras histórias no budismo.

Numa delas [a flecha representa] o momento em que uma sensação nos aflora, e é nesse instante que nos podemos dar conta disso mesmo, em lugar de passar à etapa seguinte da percepção e das fabricações mentais, ficamos conscientes desse instante da percepção pura, e é aí que podemos ter acesso a certas qualidades do presente.

A flecha tem algo a ver com isso e depois há um grande iogui e poeta, (tibetano?) [é indiano, séc. VIII] que se chama Saraha que é sempre representado com uma flecha na mão, porque os mestres e os santos, no oriente, não são representados pelo símbolo do martírio, porque isso não se faz, mas são representados pelo símbolo da anedota que fez com que alcançassem uma certa realização.

Saraha encontrou uma mulher que lhe abriu a cabeça, e ela fabricava flechas, daí que há uma quantidade de histórias ligadas à simbólica da flecha, mas fundamentalmente queria dizer que Saraha via a unidade na dualidade.

*[O fascínio pela história de Saraha levou-me a reproduzir uma extensa nota biográfica no catálogo duma exposição anterior, "Fotografia 1970/1974", CAM, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, a que o texto de apresentação, da autoria de João Miguel Fernandes Jorge, faz referência no seu próprio título: "Através de símbolos e acções"/ "Trough symbols and actions". Ver "The Royal Song" aqui: <http://www.poetry-chaikhana.com/S/Saraha/RoyalSongofS.htm>]*O pobre São Sebastião que tanto sofreu...

É também uma interrogação sobre a natureza da violência, que é algo que não tenho encontrado muito e também não investiguei muito.

Há uma vertigem na violência sobre a qual não tem havido reflexão mas que pode ser confrontada com o conceito de emergência espiritual.

Foi o psiquiatra Stanislav Grof [*Ver "A psicologia do futuro, Via Óptima Editores*] que desenvolveu esse conceito e que o atribui às crises de alcoolismo, drogas, etc. por que as pessoas passam e que podem ser vistas como uma derrapagem, uma falsa curva, e que se for dirigida diferentemente, podemos chegar a uma realização, uma abertura espiritual. A [*crise é uma*] expressão dessa necessidade mas fica-se encravado num impasse.

A violência e a vertigem da violência é algo parecido.

Sabemos que as situações extremas podem provocar uma abertura do espírito [*de que o caso mais flagrante é descrito por Etty Hillessum no seu Diário*].

A minha pergunta é uma atitude de observação, de interrogação acerca daquilo em que consiste essa vertigem da violência.

Eu não me ocupo da coisa histórica, não é isso que me atrai.

Mas a violência continua a ser difundida em todo o lado, é o sexo e a violência.

O sexo, não sabemos o que fazer com isso.





Na violência há uma vertigem que atrai as pessoas como as moscas são atraídas pela merda. Não pensamos nisso, o que quer isso dizer, donde vem essa vertigem. Eu penso que se trata realmente dum engano, duma derrapagem. No instante da violência há uma transcendência, há um ultrapassar da dualidade. E é isso que mima o acto sexual, a resolução da dualidade e se o fazemos sem esse estado de espírito torna-se um aborrecimento ao fim de vinte minutos. Mas se praticamos isso, abrem-se horizontes cada vez mais vastos. A violência situa-se nesse ponto crucial da vivência e da essência da existência. E penso que é por isso que, uma vez que tenhamos tomado o gosto a isso, ficamos marcados, falamos disso todo o tempo, mesmo sem o compreendermos, e isso vende-se: porquê? Penso que é por isso que funciona. No budismo começamos por estabelecer que há a ignorância, e que a ignorância produz o apego e a aversão e assim continua. Só a sabedoria, sendo a ignorância o desconhecimento da natureza dos fenómenos e da existência, e a sabedoria é que, quando olhas, vês os fenómenos em inter-dependência e em impermanência, e em última instância vês-te como uma consciência não dual do universo. E isso não tem limite nem fim. Podemos sempre voltar a isso e pratica-lo. Assim deixas de ter problema algum com o vazio, deixas de ter a mania que existes, troças da tua personalidade, da família, da pátria, dos exércitos, da civilização, da cultura e mesmo da morte. Não pretendo estar aí, mas é o que encontro de mais válido como quadro de referência. É algo que está sempre presente, é preciso fazer esse trabalho constante, permanente de se centrar, e de respirar profundamente, e a partir daí, a dor desaparece, problemas, tudo isso se dissolve como uma nuvem. Se não sabemos fazer melhor, fazemos assim. Se podemos fazer melhor, então agarramos o touro pelos cornos, e tudo que se passa é ou reconhece-mo-lo como uma manifestação da natureza do espírito.

E aí, deixa de haver limites, tudo é válido, o que não quer dizer que vamos fazer maldades aos outros, não há necessidade disso, mas, algures, sabemos que nada se passa, ou, tudo o que acontece é sempre a mesma coisa, é uma manifestação da natureza do espírito.

Só desde à muito pouco tempo é que a ciência se permite estudar e reconhecer como sendo um objecto de estudo, o espírito, a capacidade de percepção.

Não a fisiologia da percepção, mas sim a natureza do espírito, e começa agora a não poder evita-lo.

Mas isso, os ioguis já há muito que o sabem, e falaram disso em profundidade, mas ninguém quis saber disso, mas podemos aprender com eles imensas coisas, que até aqui não foram consideradas. Outras coisas que tenho confirmado recentemente, a saber que o método indutivo de Sócrates foi-lhe transmitido por uma mulher de que mal se conhece o nome e que também nunca escreveu nada.

Tudo isso é ignorado, enquanto se diz que a filosofia nasce na Grécia, ora, na época de Sócrates havia já [na Índia] todo um monumento de filosofia, completo e maduro, onde eles se foram inspirar, possivelmente por intermédio dos árabes, o que terá dado origem à filosofia ocidental.

Mas isso continua a ser vendido nos manuais escolares, apesar de alguns autores começarem a denunciar essa amnésia da Índia. [24:37]

É uma questão muito importante, de que geralmente não temos consciência.

O patriarcado surge com o monoteísmo, com as três religiões monoteístas, que são quase universais, e que podem permitir-se de esquecer e ignorar o resto do mundo espiritual, o que é duma grande falsidade,

A ideia de um deus criador do universo é como uma parede com que embatemos.

Por aí não vamos longe.

Vai pois ser necessário demolir isso.

Se há alguma coisa válida na ideia de deus, é o deus interior, a não dualidade, em que somos, não uma pequena partícula de deus, mas somos inteiramente deus, porque a esse nível não há a lógica do senso comum.

Há um paradoxo.

Eu partilho inteiramente a ideia de deus, porque há uma visão não dual, pelo que posso dizer que sou uma consciência não dual do universo.

Assim, a personalidade pode ser eliminada, e deixamos de ser esmagados por isso.

Livres da ideia do monoteísmo, podemos ir ver o que se passa para além disso, e vamos ver que todas as religiões vêm do xamanismo, vêm da prática e do conhecimento dos estados alterados de consciência e mesmo da recusa dessa ideia, porque no fundo, não há senão estados alterados de consciência.

O senso comum é apenas um esforço constante de permanecer naquela fina película transparente, como se cortássemos uma fina fatia de queijo...

Desde que nos distraímos um pouco, perde-mo-nos, porque o senso comum é verdadeiramente nulo.

É bom para conduzir um automóvel, que é uma coisa muito limitada, mas não serve para mais do que isso.

Portanto, há muitas coisas que perdemos por causa disso, e vai ser necessário reconhecer, finalmente, o valor daquelas religiões que não foram escritas, mas foram transmitidas porque são verdadeiras, porque fazem milagres, porque são capazes de curar doenças, por exemplo, tratam as pessoas melhor do que muitas outras disciplinas. [28:00]

E aí, há uma ordem que não é uma ordem vertical e piramidal, mas sim de parceria.

A tendência é para deixar de falar de matriarcado e patriarcado, mas de uma ordem de domínio, a hierarquia vertical, e uma ordem de parceria, em que há o círculo em que há participação.

E aí já se pode fazer alguma coisa, pode-se respirar e participar.

Qual é o fundamento que se pode encontrar para o humanismo?

É um fundamento que eu chamaria de um egoísmo positivo.

Quer dizer, tu tens um potencial 'do caraças', magnífico, e daí, se tu não te esforças para o manifestar e de o assumir, estás a roubar-me.

Deves pois ter a coragem de te assumir, de crescer, de desenvolver espiritualmente, porque é a melhor coisa que tu me podes dar, e o resto, estou-me nas tintas: nem mamas nem mamã, não é isso que é importante.

Não é isso que é válido, mas sim o teu exemplo de realização.

É isso que há de mais precioso como presente que podes dar a mim e a toda a gente, e a ti próprio, evidentemente.

E isso pode ser o fundamento do humanismo.

Porquê? Porque o sentido da vida é a celebração da vida.





### Filmografia / Filmography

- "R" (*A film in 3 episodes*), 1974/78, 16 mm, p/b, som, 91' 22" | 16 mm, b/w, sound, 91' 22"
- My Education*, 1974/1980, 16 mm, p/b, som, 36'36" | 16 mm, b/w, sound, 36'36"
- Musicians's Portrait*, 1979 16mm, p/b, som, 44'31" | 16 mm, b/w, sound, 44'31"
- Portugal Revisited, kwaad en goed overwinnen / Portugal Revisitado: Vencer o mal e o bem*, 1983, 16 mm, cor, som, 13'54"
- Zen Sermon I*, 1984, Super 8, cor, som, 25' 22" | *Super 8 mm, colour, sound, 25' 22"*, com / with Annelies van Dooren.
- Zen Sermon II*, 1972/2003, MiniDV, cor, som, 95' | *MiniDV, colour, sound, 95'*
- Life Story*, 1996-2001, V8, cor, som, 74' 14" | *V8, colour, sound, 74' 14"*
- Sebastião e Ágata*, 2005, MiniDV, cor, som, 22' 19" | *MiniDV, colour, sound, 22' 19"*
- MahaKaruna. Daniel Odier au Portugal*, 2004, Mini DV, cor, som, 51' 10"
- As Doze Risadas Vajra / Twelve vajra laughs*, 2004/08, MiniDV, cor, som, 106' 11"
- "Micropráticas...NADA DE ESPECIAL..." Vídeo, 2005, 30 min.
- "Flores: quatro curtas", 2003/2010, 68'5' MiniDV, cor, som
- O Lago da Consciência e a Montanha dos meios hábeis / The lake of wisdom and the mountain of skilful means* 2008 MiniDV, cor, som, 56' 43"
- Vote for OKC Monastery*, 1994/2011, V8, cor, som, 67' | *V8, colour, sound, 67'*
- Dharma Life*, 1994-2011, V8, cor, som, 77' 53" | *V8, colour, sound, 77' 53"*
- Uma Pátria assim...o depoimento / Such a homeland... the statement*, 2009/2012, Mini DV, cor, son, 58' 54"
- "I am Kuntuzangpo" 11' 50'', 2011
- "Eu sou Kuntuzangpo" 10' 06'', 2011
- "Space and time are a mental construction" 2014, (3' 06'' +)
- Sinais e semelhança, 2012, 13'
- "Slow Sex", 2013, slideshow to video, 20'.
- "Romance", 2014, slideshow to video, 7' 18''
- "Reset me" 2015/2017, slideshow to video, work in progress.
- "Lungta - Wind horse", 2015/2017, slideshow to video, work in progress.
- "A Totally Joyful Dissolution", 2003/2017

Vítor Pomar nasceu em Lisboa em 1949, vive e trabalha em Assentiz, Rio Maior.

Exposições individuais, selecção:

“You are my Koan, adivinha se fores capaz”, Galeria Neupergama, Torres Novas 2016;

“Pomar & Pomar”, Galeria 111, Lisboa 2016;

“O Carro à frente dos Bois” Galeria Sete, Coimbra 2015;

“Aparente mas sem existência própria” na Galeria Pedro Cera, Lisboa 2014;

“Uma Pátria Assim...”, Museu da Eletricidade, Lisboa, 2012;

“Karma Mudra”, TMG Guarda 2012;

“Nada para fazer nem sítio aonde ir”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2011;

“Os Atributos do Ar”, Galeria Bloco 103, Lisboa. 2011;

“Só Acredito em Milagres”, Centro Cultural de Cascais 2008;

“Ilha do Tesouro”, Galeria Antiks Design, Lisboa;

“O Meu Campo de Batalha”, Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto 2003;

Slow Motion: Art Attack + Estgad, Caldas da Rainha.

Participou nos eventos

“Vita Contemplativa” (“Não se pode dar de beber a um burro que não tem sede”) Lisboa 2015;

“Arte e Género?” (“Je t’aime, je te mange, je te tue”), Lisboa 2014.

*Vítor Pomar was born in Lisbon in 1949 and live and work in Assentiz, Rio Maior.*

*Recent exhibitions, a selection:*

*“YONIVERSE / A Via da Deusa”, TMG Museu Municipal da Guarda, 2017*

*“You are my Koan, adivinha se fores capaz”, Galeria Neupergama, Torres Novas 2016;*

*“Pomar & Pomar”, Gallery 111, Lisbon 2016;*

*“In Love with the Universe”, Concas Space, Arts Center, Caldas da Rainha 2015;*

*“The Cart Before the Horse” Gallery Sete, Coimbra 2015;*

*“Apparent but Nonexistent” at Galeria Pedro Cera, Lisbon 2014;*

*“Such a Homeland ...”, Electricity Museum, Lisbon, 2012;*

*“Karma Mudra”, TMG Guarda in 2012;*

*“Nothing to do nowhere to go,” Calouste Gulbenkian Foundation, Lisbon 2011;*

*“The Attributes of Air”, Gallery Bloco 103, Lisbon 2011;*

*“I Only Believe in Miracles”, Cultural Center Cascais 2008.*

*As a public speaker:*

*“Je t’aime, je te mange, je te tue”, Congress “Art & Gender?”Lisboa 2014.*

*“You can not give water to a donkey that is not thirsty”, “Vita Contemplativa”Lisboa 2015;*



**O MEU CAMPO DE BATALHA, 2003, duração 15' 35".**

Uma quase amnésia fez com que só passados cerca de 13 anos sobre o evento, pudesse descobrir o registo da inauguração da minha primeira grande exposição antológica que teve lugar no Museu de Serralves em Junho de 2003.

A realidade imediata só aparentemente se deixa observar para além do olhar inquisidor capaz de a transformar em território conhecível, devidamente tratado como informação domesticada.

Só então temos direito ao espanto que nos escapa na vivência tarefaira do quotidiano.

A interposição da câmara fotográfica, hoje capaz de registar igualmente as imagens em movimento, permite um desvio e uma distância em relação à realidade imediata do aqui-agora.

Enquanto o espelho nos ensina a capacidade de nada rejeitar nem possuir, sem no entanto abrir a porta à indiferença, o registo fotográfico, a que se vem juntar a dimensão temporal, parece interrogar-nos acerca da nossa máscara identitária sempre pronta a cair por terra.

A esta natureza quase redundante se não obscena, vem juntar-se a presença tão incómoda quanto apelativa das obras expostas que tanto nos assaltam como desnudam.

Pode espreitar o filme AQUI:

<https://vimeo.com/169714001>